

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO: APROPRIAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DE SENTIDOS PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA COM VISTAS À PRODUÇÃO DE NOVOS CONHECIMENTOS

MARGARETE FÁTIMA PAULETTO SALES E SILVA (FEUSP - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO).

Resumo

Esta comunicação tem a finalidade de apresentar um estudo, que se encontra em fase inicial, sobre o movimento de produção e circulação do conhecimento na universidade hoje, com foco na formação do professor e de sua relação com as perspectivas que gozam de certa hegemonia na universidade e nos documentos oficiais. Interessa verificar em que medida os professores que atuam na educação básica e recorrem a programas de Mestrado para se qualificarem produzem “novos conhecimentos”. Para tanto se questiona como os autores de dissertações sobre letramento se apropriaram das leituras feitas para embasamento de seus trabalhos e como isto influenciou na constituição de sentidos para a prática pedagógica. Busca-se levantar os mecanismos lingüístico-discursivos mobilizados na escrita de dissertações por autores, professores, para gerenciar a tensão entre diferentes posições enunciativas que estão implicadas no desenvolvimento da escrita de uma dissertação no que se refere ao termo letramento. Para tal fim, tomamos como corpus dissertações defendidas em um programa de pós-graduação em Educação de uma universidade pública brasileira, que versam sobre letramento, no período de 2000 a 2008. Levando-se em consideração que o cotidiano escolar desafia para a inovação constante, a produção acadêmica tem o papel de contribuir para esta inovação com finalidades sociais. Entretanto, uma análise inicial parece indicar o modo pelo qual as instituições conferem poder ao “dizer” e pode, muitas vezes, ser confundido com conhecimento. Assim, analisar o movimento da escrita de autores e relacionar com suas práticas atuais propiciará a reflexão sobre os discursos acadêmicos e a produção de novos conhecimentos.

Palavras-chave:

dissertações de mestrado, formação, novos conhecimentos.

Introdução

Este trabalho tem a finalidade de apresentar um estudo sobre o movimento de produção e circulação do conhecimento na universidade hoje, com foco na formação do professor e de sua relação com as perspectivas que gozam de certa hegemonia na universidade e nos documentos oficiais. Interessa verificar como se dá a mobilização da escrita em dissertações de mestrado que versam sobre letramento e em que medida o modo como seus autores se apropriam dos conceitos acerca do letramento apontam para a produção de novos conhecimentos.

Comparativamente ao que se tem pesquisado sobre a escrita no ensino fundamental e médio, há um número reduzido de investigações sobre o mesmo tema no contexto do ensino superior, sobretudo na pós-graduação *strictus sensu*. Talvez a crença de que ao chegar a este nível de educação formal os problemas de escrita já foram resolvidos e a dificuldade que se mostra para o pesquisador que se propõe a analisar aquilo que está muito próximo, o seu contexto mais imediato, sejam as razões para o número reduzidos de trabalho que tomam como objeto de pesquisa a escrita acadêmica. Olhar a escrita de pares e, conseqüentemente, a

própria escrita requer uma postura intelectual que desafia o pesquisador e exige dele muito rigor e ética.

Assim sendo, o presente estudo se justifica pelas contribuições que analisar a escrita acadêmica e alguns dos mecanismos lingüístico-discursivos mobilizados para dar consistência a um imaginário poderia trazer para ultrapassar a compreensão do que seja o trabalho com a leitura e a escrita. Também se justifica pelo fato desta pesquisadora ser pertencente à região centro-oeste, uma das regiões considerada "carente" de estudos e pesquisas e pela minha disponibilidade para contribuir fazendo uma análise qualitativa de alguns trabalhos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso)

A produção acadêmica na atualidade, bem como as inúmeras informações que circulam, ganham força e se disseminam com extrema velocidade. Como já foi dito em outra Edição deste Seminário "Nunca se produziu tanto! E nunca se pensou tão pouco!" Os programas exigem produções e publicações. Estes são avaliados e tudo gira em torno da nota que estes obtêm. Parece-me que a velocidade dos acontecimentos torna as coisas superficiais e tudo se pode fazer e dizer. Concordo que a escrita precisa de movimento para que a história se faça e permaneça. Entretanto a qualidade do que se deixa escrito e se expõe para acesso possível em inúmeros suportes vai delineando aquilo que afirmou Shopenhauer, (1788-1860)

É correto, e mesmo necessário, que a provisão de palavras de uma língua seja aumentada no mesmo passo em que aumentam os conceitos. Em contrapartida, se aquilo acontece sem isso, trata-se apenas de um sinal de pobreza de espírito de quem gostaria de levar alguma coisa para o mercado e, no entanto, como não tem nenhum pensamento novo, vem com novas palavras. Essa maneira de enriquecer a língua está agora na ordem do dia e é um sinal dos tempos. Mas novas palavras para velhos conceitos são como uma nova cor aplicada a uma velha roupa. (p.158)

Este fato foi abordado por Barzotto (2006) em seu texto "A criança falada e a cena de quem fala".

Em alguns trabalhos acadêmicos, talvez mais especificamente em dissertações de mestrado, temos verificado que, mais notadamente no capítulo de resenha teórica e, ademais, no restante do trabalho, os autores arrolados são mais úteis para confirmar o que o candidato a mestre está querendo sustentar do que para estabelecer uma discussão a fim de chegar a uma perspectiva que melhor auxilie na análise do objeto pesquisado.

A história do ensino brasileiro nos mostra que o modo de tratamento do trabalho com a leitura e a escrita até mesmo na graduação não prepara devidamente para uma escrita heterogênea, que seja capaz de dialogar, propor embates e criações. Penso em como seria se eu tivesse me acomodado como mestre, pois entendo que o tempo que se passa no mestrado é importante para nos embasar no desenvolvimento de um trabalho com pesquisa que necessariamente deve ser heterogênea para lidar com a linguagem de forma a desenvolver um trabalho argumentativo, porém insuficiente.

Conforme afirma Riolfi (2006)

"Em cada projeto de investigação que inicio, me ocorre, algum tempo depois, perceber que, mesmo em sua nova formulação, consiste na repetição de uma mesma e única pergunta: *se, quando cada um nasce, as palavras são sempre as mesmas, como pode vir a acontecer o milagre de que algo de novo se produza no*

mundo? No meu modo de pensar, esta questão é bastante relevante quando se trata de iluminar a relação ética que um adulto possa vir a ter com sua própria palavra, honrando, através dela, seu estatuto de adulto."

Entendo que a angústia diante da repetição e reprodução na educação já é fato considerável, visto que é o primeiro sinal do percurso para mudança. Se me angustio com o que vejo ao menos estou me sensibilizando para melhorar sempre ou, pelo menos, tentar já que também temos muitas coisas boas sendo feitas e pensadas por especialistas em Educação e pelos educadores que têm nas mãos o fazer acontecer. E o fato de me angustiar com aquilo que escrevo reflete uma relação ética com a minha palavra. Esta relação ética que tento estabelecer na escrita deste texto me leva a expor que cometi alguns equívocos quando escrevi minha dissertação de mestrado. Também a necessidade de dar continuidade ao trabalho de pesquisa é de relevância, visto que, na maioria dos casos, o professor termina o mestrado e se acomoda muito tempo para dar sequência ao trabalho de pesquisador. Vejo a minha continuidade nos estudos como um momento rico de rever o que escrevi no mestrado, bem como refletir e perceber que devemos ser eternos aprendizes.

Segundo Bourdieu (1996), as estratégias linguísticas utilizadas pelos agentes no espaço social estão prioritariamente ligadas a sua posição na estrutura de distribuição do capital linguístico. "Cada campo é o lugar de constituição de uma forma específica de capital." O capital linguístico está relacionado com o capital simbólico, fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento; e os campos são os lugares de relação de força onde esses capitais se atualizam. No caso do capital científico, que se manifesta na produção de conhecimento, trata-se de uma espécie particular do capital simbólico, fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento.

As condições de produção de um pesquisador em Educação colocam este em um patamar de "poder" da escrita acadêmica que se autoriza a dizer ao professor o que "deve" acontecer, o que "deve" ser dito e o que "é preciso" fazer. Entretanto, nem sempre as coisas ditas em uma dissertação de mestrado superam os "já-ditos" não se configurando produção de novos conhecimentos. Nesta perspectiva, a relação de comunicação não é uma simples relação de comunicação; é também uma relação econômica, na qual o valor de quem fala está em jogo. Desta forma o que está em jogo são as competências linguísticas e sociais. O direito à palavra e ao poder pela palavra é atribuído apenas aos locutores chamados "legítimos", ou seja, àqueles autorizados a falar e a falar com autoridade.

Na posição de locutor "legítimo" o aluno/pesquisador precisa ter a compreensão da importância do fazer científico como parte de sua formação profissional e humana, pois o uso do método investigativo ao enxergar a realidade pode, em alguma medida, auxiliá-lo nos fazeres cotidianos. É importante o entendimento da ciência como sistematização do saber e que na Educação este saber precisa, de alguma forma, livrar o indivíduo de mistificações, preconceitos e ignorância.

Acredito que a pesquisa que toma como objeto a análise de textos acadêmicos implica significativamente o próprio analista, principalmente quando a finalidade da análise reflete a própria história deste.

Nisto se configuram os mecanismos de sustentação linguística: a universidade é uma instituição que possui mecanismos de sustentação do mercado. Na educação é esta instituição que mobiliza a comunidade de educadores que

produzem e consomem a língua com termos específicos para a Educação. A maneira como os termos vão sendo mobilizados, normalmente, é de reprodução e paráfrases, se constituindo "atividade" e "consumo" e raramente "produção".

Assim refletindo, me instiga analisar produções acadêmicas, mais especificamente dissertações de mestrado, para levantar os mecanismos linguístico-discursivos que são mobilizados na escrita de autores/educadores já que o corpus será de um Programa de Pós-graduação em Educação.

Interessa-me questionar como os autores de dissertações sobre letramento se apropriaram das leituras feitas para embasamento de seus trabalhos e como isto influenciou na constituição de sentidos para a prática pedagógica.

Sei que em qualquer situação de aprendizagem mobilizamos sentidos e que para o professor interessa inovar sua prática. Entretanto, nem sempre um educador que passa por qualificação em nível de mestrado consegue produzir o novo. Isto pode se dar de forma inconsciente e por questões de escolhas não apropriadas. "Tudo é ao mesmo tempo um jogo de formas que não se repetem e uma escolha condicionada por fatores contextuais." (POSSENTI, 2002)

A imagem do termo letramento numa breve história do seu surgimento no Brasil

Fazer brevemente um relato histórico do surgimento do termo letramento no Brasil parece ser de grande importância para entendermos a imagem deste termo que foi sendo construída.

No Brasil, o termo "letramento" foi usado pela 1ª vez por Mary Kato, em 1986, na obra "No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística" (São Paulo, Ática). Dois anos depois, passa a representar um referencial no discurso da educação, ao ser definido por Tfouni em "Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso" (São Paulo, Pontes) e retomado em publicações posteriores.

Foi no contexto das grandes transformações culturais, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas que o termo "letramento" surgiu, ampliando o sentido do que tradicionalmente se conhecia por alfabetização (Soares, 2003).

Hoje, tão importante quanto conhecer o funcionamento do sistema de escrita é poder se engajar em práticas sociais letradas, respondendo aos inevitáveis apelos de uma cultura grafocêntrica. Assim, "enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de uma sociedade" (Tfouni, 1995, p. 20).

Com a mesma preocupação em diferenciar as práticas escolares de ensino da língua escrita e a dimensão social das várias manifestações escritas em cada comunidade, Kleiman, apoiada nos estudos de Scribner e Cole, define o letramento como

" um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos. As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática - de fato, dominante - que desenvolve alguns tipos de habilidades mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita. "(1995, p. 19)

Como é possível perceber neste breve relato o termo "letramento" é relativamente novo e surgiu, de acordo com o que se tem escrito sobre o termo, relacionado à alfabetização.

A imagem do termo Letramento nas dissertações de mestrado

Observando a perspectiva histórica do surgimento do termo letramento nos meios de produção e circulação do conhecimento é possível traçarmos a imagem que vem sendo delineada na escrita acadêmica.

Uma análise prévia do corpus sugere algumas teses que procurarei explicitar melhor neste estudo, quais sejam:

1 - É comum o termo letramento aparecer como superposição ao termo alfabetização na tentativa de que seja incorporado no discurso escolar.

2 - O poder dado ao pesquisador por meio da Instituição acadêmica confere poder ao dizer e isto se dá de forma reprodutiva. Então, o termo letramento aparece com citações de autoridades no assunto, que reiteram as análises negativas feitas pelo pesquisador sobre o trabalho do professor, configurando-se mais atividade do que produção. Usar a palavra letramento poderá sanar as dificuldades do trabalho com a leitura.

3 - O termo letramento aparece em consonância com termos da década de 80 que viraram "moda" no meio escolar como sócio-construtivismo e gêneros discursivos o que sugere o desejo de encontrar um lugar de livre mercado entre os educadores.

4 - O letramento é sugerido pelos pesquisadores como a melhor proposta para o trabalho com textos e aplicação dos gêneros discursivos nas esferas sociais. Isso parece ser comum na produção acadêmica, colocar a defesa de uma perspectiva única acima da pesquisa.

Ao analisar as dissertações que serão nomeadas aqui como D1 e D2 é possível perceber como pano de fundo que o enaltecimento ao termo letramento e a crítica ao trabalho do professor é constante. Ao enaltecer o termo letramento os pesquisadores utilizam citações de autores que discorrem sobre o tema para reiterar tudo o que dizem acerca da prática inadequada do professor. Se buscarmos a função das citações em trabalhos científicos podemos dizer que estas fundamentam e melhoram a qualidade científica do trabalho, portanto, elas têm a função de oferecer ao leitor condições de comprovar a fonte das quais foram extraídas as idéias, frases ou conclusões, possibilitando-lhe ainda aprofundar o tema/assunto em discussão. Têm ainda como função, acrescentar indicações bibliográficas de reforço ao texto. Entretanto, nas dissertações aqui analisadas é possível verificar que as citações são usadas mais para autorizar as autoras das dissertações a falar contra os dados do que para discutir e analisar uma perspectiva teórica ou uma prática.

Também o termo "letramento" é mostrado se inter-relacionando com sociointeracionismo e gêneros textuais, já que definem letramento como o uso que se faz da leitura e da escrita nas diferentes práticas sociais. A teoria presente nos textos observados para justificar o letramento escolar é a visão dialógica de Bakhtin relacionando os gêneros existentes nas diferentes esferas do discurso com as práticas sociais de leitura e escrita.

Observa-se que nas dissertações estudadas não fica clara a distinção entre alfabetização e letramento e a superposição do termo letramento sobre o termo alfabetização conduz ao apagamento desta última.

[...] a alfabetização está limitada à aquisição da escrita, e é preciso tomar consciência de que nem todas as pessoas alfabetizadas são letradas e nem todos os que efetivam práticas de letramento nos mais diferentes contextos sociais são alfabetizados. (D1)

[...] alfabetizar, ensinar as crianças a ler, que método utilizar e letramento ainda não encontram significado em numerosas práticas aplicadas às crianças, pois muitos educadores da infância não dominam esses conceitos e agem aleatoriamente com os pequenos, em suas ações pedagógicas. (D1)

Ao dizer que "muitos educadores da infância não dominam conceitos", que a autora considera importante sugere a certeza do pesquisador na defesa do letramento, da teoria que está defendendo, da proposta inovadora que seria "alfabetizar, ensinar as crianças a ler, que método utilizar e letramento". A pergunta é: o autor dominar os conceitos mencionados pelo pesquisador garante a mudança de sua escrita?

Ao ler os infinitos trabalhos que trazem como problema maior no ensino-aprendizagem a atuação do professor, os mesmos podem se sentir impotentes diante do fazer. A distância entre o dizer e o fazer cria tensões que se presentificam nas falas comuns entre os educadores: "é fácil falar quero ver fazer." O que se percebe é que geralmente absorvem-se argumentos favoráveis a isto ou aquilo, declara-se a importância de se considerar uma área ou outra para que aconteça a inovação pedagógica ou para a mudança educacional, mas principalmente porque assim se pensa evitar que os julgamentos negativos recaiam sobre quem escreveu. Mas visto de perto os trabalhos escritos dos educadores/autores de dissertações de mestrado ou sua prática pedagógica vê-se que as estratégias de divulgação de uma teoria, de uma proposta inovadora, em geral falha e se sobressaem trabalhos que constituem uma certa maneira de ver a escola e o professor e um certo saber a respeito do que deve ser rejeitado e do que deve ser valorizado.

Por exemplo, o autor defende que o letramento, além da alfabetização é importante. Ele transpõe os argumentos positivos em torno do eixo letramento, mas na sua própria escrita não consegue demonstrar o conhecimento necessário para convencer o leitor daquilo que defende.

Desta forma, cria-se um movimento contrário ao que deveria se efetivar. A formação tem o papel fundamental de preparar o professor, mas nem sempre isto acontece. A garantia do caráter científico, próprio das produções universitárias, dá ao formador, que realizou um mestrado ou um doutorado, "poder" para dizer o que deve e o que não deve ser feito.

O saber - poder - fazer profissional deve gerar situações de pesquisa em que o pesquisador evite radicalismos e modismos teórico-conceituais e a que a

produção seja decorrente de uma situação interdisciplinar. A pesquisa deve estar presente gerando novos saberes e conseqüentemente mudanças no fazer pedagógico.

Apresento mais alguns excertos das dissertações analisadas para verificar os modos como cada autor fala do letramento e com quais termos já usuais na educação esta palavra é relacionada:

O presente capítulo inaugura o referencial teórico que fundamenta a investigação. Através dele buscamos discutir a leitura em uma perspectiva sociointeracionista. Nesse sentido, apresentamos as concepções de linguagem, os conceitos de leitura e letramento, a diversidade de gêneros textuais e o processo de formação do aluno leitor. (D1)

A leitura pode ser considerada como um processo interativo, ato de descoberta e atribuição de sentido, que implica em estabelecer diálogo com o texto, com o autor e com o meio social de sua produção. (D1)

Nessa perspectiva, compreende-se que para tratar do processo de ensino-aprendizagem da leitura faz-se necessária uma abordagem sobre o letramento. (D1)

A expressão letramento constitui-se na complexidade das funções da leitura e da escrita em um contexto determinado. Sua gênese está relacionada aos desafios sociais da contemporaneidade, oriundos das modificações no âmbito econômico, político e social [...]. Dessa forma, sua origem pauta-se na busca de uma palavra que exprima todas as relações intrínsecas aos sujeitos que fazem uso social e cultural da língua. (D2)

Nos excertos acima, se verifica que o termo "letramento" é apresentado como algo novo, relacionado "aos desafios sociais da contemporaneidade" que vai além do que se sabe e se faz quanto à leitura e, com menos incidência, quanto à escrita. Na visão da autora D2 "sua origem pauta-se na busca de uma palavra que exprima **todas** as relações intrínsecas aos sujeitos que fazem uso social e cultural da língua." Como se a palavra letramento desse conta de todas as relações de leitura e escrita em uma sociedade letrada.

O que acontece com o "surgimento" de um "novo enunciado" é que passa a ser motivo de pesquisas, o que é interessante, pois se aposta na pesquisa para mudanças, No entanto, nem sempre tais pesquisas revelam algo novo a não ser um "novo" termo para velhos postulados.

Isto parece ter acontecido com o termo "letramento", surgido no Brasil, de acordo com especialistas, na década de 80, quando as discussões sobre alfabetização e analfabetismo eram bastante fortes no meio acadêmico. O que se buscava era uma solução para as problemáticas no ensino da leitura e da escrita, pois de acordo com avaliações, o ensino necessitava de mudanças urgentes. É neste período que também surge fortemente o "socioconstrutivismo" e o que parece ter influenciado o surgimento do termo letramento. Neste período estavam presentes as reflexões sobre o trabalho com a gramática ou com textos nas aulas de Língua Portuguesa e isto permanece até hoje com poucos avanços nos resultados obtidos em avaliações sobre a leitura e a escrita.

Por meio das reflexões feitas até o presente neste texto, é possível verificar como um mito vai se construindo no meio acadêmico.

Vivenciamos nas últimas décadas muitos mitos que por vezes confundiram a cabeça dos educadores acerca do trabalho com a Língua Portuguesa. Isto se deve a fatores históricos de "métodos de ensino". Os mitos se sustentam historicamente a partir de teorias por vezes mal interpretadas. Na educação tanto no que se refere à alfabetização quanto ao trabalho com textos é possível verificar momentos históricos em que mitos foram sendo propagados justificando o que até hoje é corrente no ensino: as dificuldades encontradas para ensinar a Língua Portuguesa.

Algumas Considerações

Após as breves reflexões feitas neste estudo é possível afirmar que as hipóteses aqui levantadas se confirmam.

O termo letramento nas dissertações analisadas aparece como superposição ao termo alfabetização na tentativa de que seja incorporado no discurso escolar. Aparece também com citações de autoridades no assunto que reiteram as análises negativas feitas pelo pesquisador sobre o trabalho do professor, configurando-se mais atividade do que produção. Por fim, aparece em consonância com termos da década de 80 que viraram "moda" no meio escolar como "sociointeracionismo", "sócio-construtivismo" "alfabetização" "gêneros discursivos" o que sugere o desejo de encontrar um lugar de livre mercado entre os educadores.

Desta forma, é possível afirmar que nas dissertações analisadas, a mobilização da escrita se dá de maneira a confirmar a reprodução, em que os autores se utilizam de "autoridades" no assunto para reiterar aquilo que afirmam.

Diante do exposto entendo que refletir sobre a escrita tendo presente que por meio dela a história se faz, é sempre de grande importância, principalmente no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa. Uma formação em nível de graduação e pós-graduação séria e responsável resultará em professores capacitados e comprometidos com a língua, com a linguagem, com os discursos e, principalmente com ações singulares que propiciarão a melhoria do ensino da Língua Portuguesa.

Concordo com Barzotto (2007) ao afirmar que:

"A crítica ao trabalho feito na escola, talvez sirva primordialmente à obtenção de poder e ao narcisismo, uma vez que encontramos, em primeiro plano, uma busca pelo poder de dizer o que já se tem a dizer e o que já se tem dito, independentemente de uma correspondência desse dizer com o mundo e, em segundo plano, uma devolução de uma imagem, como se fosse um espelho, em busca da companhia de uma crítica anterior e mais forte, que é imitada ou repetida." (p.169)

Talvez esteja exatamente aí o fato de que as mudanças na educação sejam tão morosas. Discursos utilizados como moeda, com novos termos para velhos postulados que promovem maior sucesso no mercado dos livros e das publicações. Ainda estamos discutindo mudanças da década de 80 com pouquíssimos avanços e se, aqueles que são autorizados a escrever sobre educação ficarem repetindo

postulados maquiados com novos termos, a produção de novos conhecimentos ficará cada vez mais longe de onde deveria estar: na sala de aula.

Referências Bibliográficas

BARZOTTO, V. H. Leitura e produção de textos: limites e relações intersubjetivas. In: Eduardo Calil. (Org.). **Trilhas da Escrita - Autoria, leitura e ensino**. São Paulo: Cortez, 2007, v. 1, p. 159-170.

BARZOTTO, V. H. A criança falada e a cena de quem fala. In: V colóquio do LEPSI: a psicanálise, as instituições e a infância, 2006, São Paulo. *Anais do VI Colóquio do LEPSI Scielo Proceeding*, 2006. p. 1-8.

BARZOTTO, V. H. **Um projeto de formação de leitores nas páginas de revistas periódicas**. *Revista da ANPOLL*, Campinas-SP, v. 18, p. 217-239, 2005.

BARZOTTO, V. H. (Org.) Estado da leitura. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre (1996). A economia das trocas linguísticas. In: _____. **A economia das trocas linguísticas: O que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, p.21-52;

COLELLO, Silvia M. Gasparim. **Alfabetização e Letramento: Repensando o Ensino da Língua Portuguesa** in RIBEIRO, Vera Masagão (org). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.

RIOLFI, Claudia Rosa. **Criando o novo com as mesmas velhas palavras..** In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 5., 2006, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Disponível em: . Acesso em: 19 Jun. 2009.

SHOPENHAUER, Arthur, (1788-1860). A Arte de Escrever; tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Sussekind - Porto Alegre: L&PM, 2007.